



## RESENHA DO LIVRO: O DIREITO À TERNURA

Restrepo, Luís Carlos



Rosa Maria RANZANI

Docente da Faculdade de Ciências FAEF/FASU

### RESUMO

Restrepo analisa a violência, a democracia, a autogestão política e comunitária, num panorama onde se problematizam as rotinas diárias. Mostra que passamos séculos aprendendo valores de vingança, submissão e de conquista, valores próprios de guerra, que foram a mola mestra das sociedades humanas, dos quais estamos intensamente impregnados. Em contraposição, propõe a ternura, que considera um sentimento mais burilado, como um mediador entre amor e ódio, como um caminho que descobrimos frente à fragilidade humana e a facilidade com que nos tornamos maus. Propõe que se produza uma nova posição política caracterizada pelo fim da simbologia guerreira e do desenvolvimento de relacionamentos marcados pela ternura, o que produzirá novas formas de relações humanas, que poderão ter o reconhecimento do conflito e da necessidade da diferença. Reforça a necessidade de não desprezarmos nossos sentimentos e os indica como nossa força motriz mais rica. Solicita a sensibilização da ciência para a produção conhecimento, tendo como campo de pesquisa o contexto que nos rodeia, pois considera o conhecimento inútil para o bem comum como completamente inútil, insistindo na valoração dos sentimentos, para inclusive, bem conduzir o conhecimento e o mundo racional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ternura, Política e Afeto

### ABSTRACT

In a view where the daily routines become problems, Restrepo analyzes the violence, democracy, and the political and community self-government. He shows that we've lived for centuries learning values of revenge, submission and conquest, war's values, which were the mainly incentive of our society, of whom we are intensely impregnated. On the contrary, he proposes tenderness (which he sees is a more engraved feeling), as a mediator between love and hatred, as well as way we find in view of human fragility, and how we easily become bad. He proposes that a new political position, characterized by the end of the warrior symbolism, and also by the development of tenderness characterized relationships, what will produce new forms of human relations that will be able to have the conflict's recognition and the need of difference. Restrepo reinforces the necessity of not despise our feelings, and he points them as our richest motive force. He request from the science to be sensitive for the creation of knowledge, having as research field the context which we are surrounded. It's because he considers the knowledge, which is useless for the welfare, as completely useless, insisting in the appreciation of the feelings, as well as to well lead, the knowledge and the rational world.

O livro é iniciado com a colocação de que as ações políticas também determinam as relações de poder que se estabelecem na intimidade e que a ternura está entre os direitos da vida cotidiana (particulares e pessoais) que ficam esquecidos.

Restrepo incentiva a busca de novas perspectivas de análises para entender o problema da violência, a democracia e até a autogestão política e comunitária, num panorama onde se problematizam as rotinas diárias. Mostra que passamos séculos aprendendo valores de vingança, submissão e de conquista, próprios de guerra; que foi a mola mestra das sociedades humanas no transcorrer dos séculos e dos quais estamos intensamente impregnados, sendo que atitudes afetivas, que aproximam as pessoas eram propositadamente reprimidas para, não havendo afeto e vínculo, facilitar a conquista e a dominação. A ternura em contraposição, é apontada como própria da doação presente, da entrega diária

no compartilhamento dos acontecimentos vividos.

Considera os seres humanos analfabetos afetivos, pois apesar de nossa diferença, quando comparados a outras formas de inteligência, ser apontada como a capacidade de nos emocionarmos, reconstruirmos o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos; reconhece que em nossa cultura, principalmente a ocidental, não conhecemos nossos afetos. Mostra que mesmo em nosso aprendizado na escola há a repressão às linguagens e expressões mais afetivas e não o treino destas, gerando assim uma deficiência afetiva na sociedade contemporânea, que todos compartilhamos.

Apesar do reconhecimento intelectual da necessidade do bom desenvolvimento afetivo, para o bom desenvolvimento do intelecto, nossa prática não traduz essa possibilidade de expressão afetiva, e Restrepo reforça a necessidade de sentirmos e percebermos o que sentimos, de não desprezarmos esses sentimentos, e os indica como nossa força motriz mais rica. Aponta a necessidade de não perdermos contato com eles para não haver ruptura com a própria espécie. Afirma que, agarrando, acariciando, sentindo, tocando, poderemos retomar contato com a intimidade de nosso ser que é essencialmente afetivo, e em seguida com o outro - sendo que então, poderão ser as afeições mais convincentes que os argumentos, seremos guiados pelos hábitos e não mais pelos juízos, os gestos serão mais valiosos que palavras e proposições, podendo a paixão, que é a grande artesã do conhecimento, recuperar seu valor.

Aponta o conhecimento inútil para o bem comum como completamente inútil, insistindo na valoração dos sentimentos, para inclusive, bem conduzir o conhecimento e o mundo racional.

Mostra como em nossa forma mais primitiva e mais bruta, podemos nos tornar maus com muita facilidade, pois o sentimento mais próximo do amor é o ódio, normalmente sentimento oriundo de nossa decepção por não sermos completamente correspondidos pelo outro em nosso sentimento de amor, em nossa dependência. Indica a ternura como um sentimento mais burilado, como um mediador entre amor e ódio, como um caminho que descobrimos frente à fragilidade humana e a facilidade com que nos tornamos maus.

Coloca que a família e o casal são os alvos mais vulneráveis à violência nas relações cotidianas, e como nessas instituições, a violência nem sempre acompanhada por sangue, pode estar sendo igualmente violenta, quando impõe aos seus membros modelos de conduta que não correspondem às exigências mais íntimas e necessárias a cada indivíduo. Demonstra que dentro de um contexto de repressão aos modelos afetivos que são fortemente massacrados por toda conjuntura social, a família e principalmente a relação conjugal, é o campo mais íntimo de cada ser humano para as expressões afetivas. Com muita propriedade, lembra quão difícil para instituição tão frágil sustentar-se com carga tão pesada, com tantas tensões, sendo ela, praticamente a única responsável no contexto social, para garantir no dia-a-dia, a segurança afetiva que nos equilibra.

Aponta como o segredo da vida a dois o abandono a mais plena dependência. Coloca que a ternura é todo o contrário de submissão ou complacência com a violência. Sugere um avanço num clima afetivo onde predomine a carícia social e lembra que como na atualidade tudo é manipulável, indica ser necessário mantermos num lugar considerado sagrado - o outro - lembrando que “o outro” em nossa vida terá atributos que os povos antigos consideraram próprios para o sacro: o que pode nos levar à vida e também à morte.

Solicita a sensibilização da ciência para que produza conhecimento, tendo como campo de pesquisa o contexto que nos rodeia, desburocratizando o conhecimento, convertendo sua produção e sua conservação em uma prática auto-gestiva, chamando a esse processo de “ecoternura”. Demonstra como ela – a ecoternura – marca uma posição política, pois num mundo armado até os dentes e cruzado por atitudes de extermínio, dominação, lutas pelo poder, dar fim à simbologia guerreira, dando espaço a uma nova simbologia que permite o reconhecimento do conflito e da necessidade da diferença, é produzir nova postura política, pois a médio e longo prazo essa postura produzirá novas formas de relações humanas.

Lembra que o mundo cotidiano é o lugar onde se produz e reproduz a vida social, sendo que por isso é centro de interesse para políticos e grupos interessados em regulamentar as comunidades, quando pretendem manter poder sobre elas. Mostra a importância de estarmos abertos a ele - ao mundo cotidiano - e os acasos nele surgidos. Aponta a riqueza possível se nos abirmos para experienciar os acasos que podem surgir na vivência da rotina e lembra que quando essa postura interna de cada um é possível, o que se colhe como resultado é a graça, o desfrute da gratificação surgida quando se desprende da lógica burocrática da produção em série, pois só a dinâmica do acaso nos cria um espaço propício para encontrarmos “o outro”.

Restrepo consegue analisar o micro sem perder de vista o macro e vice-versa, apontando a necessidade de, primeiramente estarmos atentos ao nosso corpo - expressão concreta e material de nossa alma - para nos achegarmos aos nossos sentimentos; e em seguida nos abirmos aos acasos, para então, darmos cumprimento aos objetivos traçados: as taxas de produtividade e eficiência.

Aponta como segundo passo, a necessidade de aprendermos com nossos erros, tomando o cuidado para não termos pressupostos que impeçam a descoberta das surpresas que a observação

científica pode trazer, quando nos aproximamos da intimidade do mundo cotidiano e de suas relações mais profundas, autênticas e espontâneas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

RESTREPO, Luís Carlos - *O Direito à Ternura* – Ed. Vozes, São Paulo, 2000.